

# *Das Ostern<sup>1</sup>: uma tradição de páscoa entre os imigrantes germânicos em Domingos Martins, ES*

162

Recebido em 15-05-2014

Aceito para publicação em 25-06-2014

Raphael Brun<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente ensaio procura representar a tradição do *Ostern* (Páscoa), bem como a decoração para esse evento trazido para o Brasil pelos imigrantes de origem germânica. Busca-se também trazer uma breve reflexão sobre o ato fotográfico durante o trabalho de campo antropológico. A narrativa foi construída a partir de um relato feito pela idealizadora da decoração, tanto quanto pelas minhas impressões. A tradição do *Ostern* está inserida em um processo maior que produz uma (re)apropriação das manifestações culturais de origem germânica, contribuindo assim para a (re)valorização da Identidade étnica, revertendo uma Identidade Negativa.

**Palavras Chave:** Ostern; tradição; alemães; identidade étnica; imigração.

---

<sup>1</sup> Fotografias digitais realizadas nos dias 05 e 12 de abril de 2014, no Município de Domingos Martins (ES), com câmera CANON T3i.

<sup>2</sup> Graduado em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Pesquisa o processo de (re)afirmação da Identidade Étnica das Comunidades Pomeranas, no Espírito Santo.

## 1. Introdução

A imigração de povos germânicos para o Espírito Santo começou em 1847, com a fundação da colônia de Santa Isabel e a instalação de 163 alemães da Renânia. Posteriormente outras levadas de prussianos chegaram, até meados de 1860, segundo dados do Arquivo Público Estadual.<sup>3</sup> Num segundo momento, novos imigrantes germânicos chegaram e são instalados na colônia de Santa Leopoldina, criada em 1857, com o registro de entrada de suíços, pomeranos (em grande número), além de grupos provenientes da Saxônia, Baden, Bavária, Hesse, Renânia, Holanda, Luxemburgo e Áustria. Houve também a entrada de imigrantes germânicos na colônia de Rio Novo, localizada ao sul do Espírito Santo, que contou com a presença de suíços e alemães.

A criação de colônias germânicas no Brasil sempre encontrou resistências, do período imperial à República Velha, embora esses migrantes também fossem vistos como bons agricultores (Seyferth, 1994).<sup>4</sup> Muitos acreditavam que os imigrantes de origem germânica seriam de difícil assimilação, ou seja, não se misturariam com o restante da sociedade brasileira. Outro risco seria a guerra de secessão. No Período Vargas, a situação se tornou mais crítica. Com a Campanha de Nacionalização começa uma perseguição sistemática aos colonos. Foram fechadas escolas, clubes esportivos e proibido qualquer manifestação que remetesse à nação de origem, sendo também proibido falar alemão. Também foram realizadas diversas tentativas de assimilação dessas populações em nome da criação da Identidade Nacional. Com a entrada do Brasil na segunda guerra mundial, contra o Eixo, a situação ficou ainda mais complicada. Retorna-se à velha ideia do “perigo alemão” presente na primeira república.

Os efeitos desse período geraram o que podemos chamar de “Identidade Negativa”, que segundo Denys Cuhe (1999), se caracteriza como uma auto-imagem estereotipada. Identidade são negociações. São construídas mediante uma relação entre um “nós” e os

<sup>3</sup> Histórico. Projeto Imigrantes Espírito Santo. Disponível em <<http://www.ape.es.gov.br/imigrantes/html/historico.html>> - Acesso em: 10 de maio de 2013.

<sup>4</sup> A resistência à instalação das colônias alemãs vinha de certo setor da sociedade brasileira, mas também havia alguns entusiastas com a vinda desses povos para o Brasil.

“outros”. Quando predomina uma situação de dominação, a exo-identidade é traduzida por uma estigmatização dos grupos minoritários, formando assim a Identidade Negativa.

Um movimento contrário a isso surgiu nos últimos 30 anos, produzindo um contexto de (re)valorização da Identidade Pomerana e também alemã. Esta revalorização pode ser percebida pela (re)apropriação de manifestações culturais, que demarcam as fronteiras do pertencimento. Assim, essas manifestações são exibidas, como no caso do *Ostern*, como forma de mostrar e (re)afirmar uma Identidade.

## 2. A fotoetnografia

Tradicionalmente os resultados das pesquisas dentro das Ciências Sociais são expostos na forma escrita ou verbal. A presença de outras formas de representação é escassa, embora vá ganhando espaço aos poucos.

A fotografia não escapa dessa situação, mesmo que exista uma significativa quantidade de trabalhos em que se faça presente. Até mesmo entre alguns dos cânones da antropologia, esta é vista, muitas vezes, como um simples suporte ao texto, como fonte, ou com outras utilidades que não a de expressar o resultado de uma pesquisa. Luiz Eduardo Robinson Achutti, em seu texto “Fotos e Palavras, do campo aos livros”, comenta sobre Lévi-Strauss, citado por Garrigues, e seu relacionamento com a fotografia. Afirma que para o etnólogo francês, a fotografia não era mais que uma simples coleta de documentos. Cita, assim, Lévi-Strauss por Garrigues:

Eu vivia nas minhas expedições uma experiência totalmente nova. Era um tema que me encantava, sobre o qual era preciso guardar os vestígios. A foto então impôs-se como uma evidência. De maneira geral, no plano etnográfico, a fotografia constitui uma reserva de documentos, permite conservar coisas que não se poderá mais rever (Garrigues *apud* Achutti, s/p. 2003).

Diz ainda que o que mais preocupava Lévi-Strauss quanto ao uso da fotografia era seu caráter subjetivo. Assim, questiona:

Será que se deve imputar à linguagem fotográfica todos os riscos no que tange à subjetividade? E será ainda que se deve realmente considerar a subjetividade como um problema sem com isto se estar assumindo a posição de negação da existência da antropologia visual ou ainda de recusa à fotografia de um espaço que lhe pertence? (Achutti, s/p. 2003).

Para Achutti, mesmo com as preocupações de Lévi-Strauss, o número de antropólogos adeptos da fotografia continua crescendo, pois a subjetividade é inevitável e não é apanágio apenas da fotografia.

As peculiaridades da fotografia permitem expor coisas que o texto não pode fazer e para Achutti é possível produzir um trabalho somente com fotografias. Disso, vem a proposta da fotoetnografia, que seria:

Uma narrativa fotoetnográfica deve se apresentar na forma de uma série de fotos que relacionadas entre si e que componham uma seqüência de informações visuais. Série de fotos que devem se oferecer apenas ao olhar, sem nenhum texto intercalado a desviar a atenção do leitor/espectador. Esta precaução não impede absolutamente que certas informações escritas possam ter sido anteriormente dadas àqueles que vão mergulhar na narrativa visual. Isto é, a justaposição destas duas formas narrativas é possível e mesmo desejada, mas é importante notar-se que o ideal seria que cada tipo de escritura fosse oferecida ao leitor separadamente, de forma que cada uma conservasse todo o seu potencial. Trata-se de escrituras diferentes que devem ser então oferecidas e abordadas de maneiras diferentes (Achutti, s/p. 2003).

A partir dessa descrição, propomos um trabalho que procura mesclar uma narrativa fotográfica (apresentando uma manifestação cultural) e uma narrativa textual. Narrativas

que se complementam, mas que ao mesmo tempo tornam-se independentes, distanciando-se assim do que é entendido por fotoetnografia.

### 3. Ostern



Foto: Raphael Brun.

*Das Ostern* é uma tradição que veio com os imigrantes germânicos para o Brasil. Essa tradição nada mais é do que o costume de se festejar a páscoa, porém, com algumas diferenças em relação a outros povos. Entre essas diferenças está a decoração da casa<sup>5</sup> feita principalmente com ovos coloridos e com árvores secas, cada um com seu significado.<sup>6</sup> É

<sup>5</sup> Em algumas cidades encontramos essa decoração presente nas ruas, praças, entre outros lugares públicos.

<sup>6</sup> A árvore com galhos secos simboliza a morte de Jesus Cristo, já os ovos coloridos significam a alegria de viver, a ressurreição de Cristo, dentro do ovo há vida que brota dele.

importante salientar que a diferenciação, em alguns casos, também é feita como discurso, ou seja, para marcar as fronteiras étnicas.<sup>7</sup>



Foto: Raphael Brun.

Essa série de fotografias é referente a esse costume e foi feita em uma das casas de Domingos Martins (ES) em dois momentos diferentes. Os motivos que me levaram a fotografar nessa casa são apresentados no decorrer do texto, tendo relação com o trabalho que a dona realiza em prol da cultura germânica.

---

<sup>7</sup> Segundo Barth (2000), a cultura seria somente um demarcado das fronteiras do grupo étnico e não o seu definidor, assim ele diz que a identidade étnica seria... um grupo atributivo e exclusivo, a sua continuidade é clara: ela depende da manutenção de uma fronteira. As características culturais que assinalam a fronteira podem mudar, assim como podem ser transformadas as características culturais dos membros e até mesmo alterada a forma de organização do grupo (Barth, 2000, p.33).



Foto: Raphael Brun.

O primeiro momento se deu após um curso de alemão em Domingos Martins, em que Hilda convidou todos os alunos para o *Osterkaffe*, um café de páscoa, mostrando também a decoração que ela havia feito, e chamando os alunos para fotografarem esta decoração. Também foi feita uma breve explicação sobre o *Ostern*, sobre a decoração e seus objetivos ao fazê-la e mostrá-la para outras pessoas.



Foto: Raphael Brun.

Quase uma semana depois retornei a Domingos Martins com objetivo de tirar mais fotos e escutar novamente as explicações sobre o *Ostern*. Assim, liguei para Hilda e ao receber sua permissão, voltei para Campinho.





Foto: Raphael Brun.

Com algum atraso, cheguei à casa de Hilda. Ao receber-me, perguntou o que eu desejava e assim expliquei novamente sobre as fotos. Ela, que embora estivesse naquele momento um pouco ocupada com as reformas na casa, afirmou que eu poderia me sentir à vontade para tirar fotos e para isto organizou toda a decoração.



Foto: Raphael Brun.

Fiquei intrigado quando vi Hilda (re)organizando os enfeites e lembrei de um artigo intitulado “Contatos Fotográficos”, de Carmen Sílvia de Moraes Rial. Neste trabalho, a autora expõe suas ideias sobre o fotografar, analisando a utilização da foto dentro da antropologia visual, bem como a produção em si da fotografia, e tenta também comparar com o ato de fotografar por parte de outros atores. Assim ela diz:

Visitamos em seguida D. Isaltina que nos mostra orgulhosa pelo nosso interesse sua coleção de bibelôs, quadrinhos, etc. O fotógrafo/jornalista, ali, busca uma posição melhor, movendo-se com dificuldades na sala repleta de objetos. Finalmente encontra o enquadramento que quer - mas então, para a minha surpresa e sem pedir o consentimento de D. Isaltina, retira a enceradeira da sala deslocando-a para a cozinha, para que não apareça na foto. Penso: logo a enceradeira vestida com um plástico verde que se constitui no principal objeto da casa (perdendo em importância apenas para a televisão) e cuja presença na sala, para mim plena de significados, eu fizera questão de registrar anos atrás. Pronto, a foto é feita, limpa, com todos os objetos no seu lugar e sem nenhuma enceradeira que pudesse confundir os leitores do jornal (...) (Rial, 2001, p.13-4).



Foto: Raphael Brun.



Foto: Raphael Brun.

Eu me perguntei se o ato de ela arrumar não estaria tirando a “naturalidade” da decoração, se a cena não estaria sendo montada igual à relatada por Rial. A reflexão me levou a acreditar que pedir para não arrumar, seria uma tentativa de montar uma cena que na situação não seria a ideal, assim segui as indicações de Hilda.



Foto: Raphael Brun.

Para compreender melhor o que seria essa decoração é necessário entendê-la dentro de um evento maior que é a Páscoa e a importância dela para os colonos germânicos, bem como os motivos que levaram Hilda a decorar sua casa.

A páscoa é um feriado cristão, que antecede a chamada semana santa, iniciada no domingo de Ramos. Sobre as especificidades da *Ostern*, aduz Hilda:

“Desde que me lembro é realizada a confirmação de adolescentes luteranos. Durante a Semana Santa os sinos da igreja luterana tocam todos os dias às 17 h. Lembrando a todos que estamos na Semana Santa. Na Quinta Feira Santa as famílias fazem a tradicional torta de palmitos e preparação dos peixes para serem consumidos nestes dias em que não se consome carnes. Também na quinta se faz arrumação e limpeza da casa” (Hilda Braun. 18-04-2014).

A sexta feira é o dia de silenciar, de ir a igreja refletir sobre a condenação de Jesus. O sábado é o dia das crianças fazerem seus ninhos de coelho esperando a páscoa, para que assim encontrem ovos coloridos nos ninhos (além dos ovos, também é comum hoje em dia encontrarem chocolates, balas e amendoins). Depois as cestas são exibidas para os amigos. Os adultos compartilham o significado religioso desse período.



Foto: Raphael Brun.

“Coelhos, ovos, cestas, rituais religiosos e comidas típicas marcam este tempo para as pessoas” (Hilda Braun. 18-04-2014).

Assim como a do natal, a decoração de páscoa passou a ter seu destaque e o número de notícias sobre esta tradição crescem. A *Osterbaum* (árvore da páscoa) tem ganhado destaque com seus galhos secos e ovos coloridos pintados, havendo disputas por recordes de árvores com mais ovos pendurados.



Foto: Raphael Brun.

Em Domingos Martins, a prática de decorar a casa para o *Ostern* teria chegado junto com uma família de imigrantes, sendo depois apropriada por outras famílias de origem germânica.



Foto: Raphael Brun.

Como relatado anteriormente, Hilda convidou os alunos do curso de alemão que acontece aos sábados na casa de André Kuster, o professor, para visitar e ver a decoração em sua casa, assim como para participar de um café oferecido por ela. Especificamente em sua fala:

Com intenção de divulgar mais esta prática para professores e alunos que estudam alemão surgiu o Osterkaffee. Os alunos foram convidados a visitar a decoração para conhecer motivos e técnicas simples e baratas para decoração da Páscoa (Hilda Braun. 18-04-2014).



Hilda segue explicando como fez a decoração e quais materiais que usou, tentando assim incentivar a manutenção da tradição.



Foto: Raphael Brun.

A mesa decorada com toalhas nas cores roxo e lilás reunia em sua volta os alunos para o Osterkaffee. Todos gostaram da confraternização. Hoje momentos raros pois os modernos meios de comunicação isolam as pessoas. Cada um no seu cantinho horas a fio e se esquece de sair para visitar um amigo, doente ou necessitado.

O lado positivo dos referidos meios de comunicação é que permitem uma vasta divulgação e noticiam o fatos ocorridos, também válidos para informar e difundir atividades criativas e novidades (Hilda Braun 18-04-2014).

As transformações trazidas pelo mundo moderno e suas tecnologias causam uma sensação de perda, mas também podem ser utilizadas como ferramentas de (re)afirmação das relações sociais que estariam sendo desintegradas.



Foto: Raphael Brun.

Essa análise assemelha-se com a de Pierre Nora (1993), no artigo “Entre a memória e a história: a problemática dos lugares”, em que as rápidas transformações do mundo contemporâneo também produzem efeito sobre a memória e a história, em que a primeira começa a desaparecer a segunda seria uma forma de “salvá-la”. Assim afirma o autor:

Pensemos nessa mutilação sem retorno que representou o fim dos camponeses, esta coletividade-memória por excelência cuja voga como objeto da história coincidiu com o apogeu do crescimento industrial. Esse desmoronamento central da nossa memória só é, no entanto, um exemplo. É o mundo inteiro que entrou na dança, pelo fenômeno bem conhecido da mundialização, da democratização, da massificação, da mediatização. Na periferia, a independência das novas nações conduziu para a historicidade as sociedades já despertadas de seu sono etnológico pela violentação colonial. E pelo mesmo movimento de descolonização interior, todas as etnias, grupo, famílias, com forte bagagem de memória e fraca bagagem histórica (Nora, 1993, p.8).



Foto: Raphael Brun.

Com isso começa-se uma luta contra o esfacelamento da memória. A história esforça-se para registrar e criar o que o autor nomeou de *Lugares de Memória*, que seriam suportes para a memória:

[...] nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não naturais. É por isso a defesa pelas minorias, de uma memória refugiada sobre focos privilegiados e enciumadamente guardados nada mais faz do que levar à incandescência a verdade de todos os lugares de memória. Sem vigilância comemorativa, a história depressa as varreria. São bastiões sobre os quais se escora. Mas se o que eles defendem não estivesse ameaçado, não se teria, tampouco, a necessidade de constituí-los. Se vivêssemos verdadeiramente as lembranças que elas envolvem, eles seriam inúteis. E se, em compensação, a história não se apoderasse deles para deformá-los, transformá-los, sová-los e petrificá-los eles não se tornariam lugares de memória. É este vai-e-vem que os constitui: momentos de história arrancados do movimento da história, mas que lhe são devolvidos. Não mais inteiramente a vida, nem mais inteiramente a morte, como as conchas na praia quando o mar se retira da memória viva (Nora, 1993, p.13).

Assim, vejo a decoração de *Ostern*, o *Osterkaffe*, como estratégias usadas para continuidade do grupo, (re)fortalecendo e (re)afirmando os laços étnicos, culturais, históricos. Festejando a identidade germânica.



Foto: Raphael Brun.



Foto: Raphael Brun.

## Referências

- ACHUTTI, L. E. R. (2013). *Fotos e palavras, do campo aos livros*. Revista Studium. Campinas, v.12, 2013, s/p. Disponível em: <<http://www.studium.iar.unicamp.br/12/1.html>> - Acesso em: 10 mai. 2014.
- BARTH, Fredrik. *O guru iniciador e outras variações antropológicas*. Fedrick Barth. Tradução de John Cunha Comerford. Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria. 2000.
- ESPÍRITO SANTO (Estado) (2013). *Arquivo público do Espírito Santo*. Histórico. Projeto Imigrantes Espírito Santo. Disponível em <<http://www.ape.es.gov.br/imigrantes/html/historico.html>> - Acesso em: 10 mai.
- NORA, Pierre (2014). *Entre memória e história: a problemática dos lugares*. Projeto História. Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados em História do Departamento de História da PUC-SP. São Paulo, n.10, 1981, p.07-28. Disponível em: <<http://www.pucsp.br/projetohistoria/downloads/revista/PHistoria10.pdf>> - Acesso: 01 julho.
- RIAL, Carmen Sílvia de Moraes (2001). *Contatos fotográficos. Manezinho, de ofensa a troféu*. Antropologia em Primeira Mão. Santa Catarina, n.48, p.1-21. Disponível: <<http://www.cfh.ufsc.br/~antropos/48.%20Contatos%20Fotograficos%20e%20manezinho.pdf>> - Acesso: 10 de maio de 2014.
- SEYFERTH, Giralda (1994). *Identidade étnica, assimilação e cidadania*. Revista Brasileira de Ciências Sociais. São Paulo. v.9 n.26. Link: <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs0026/rbcs2608.htm>